

ARTE, CIÊNCIA E EDUCAÇÃO EM FRICÇÃO COM A VIDA¹

ARTE, CIENCIA Y EDUCACIÓN EN FRICCIÓN CON LA VIDA

Maria Carolina Alves

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFU). Bolsista em Ampla: amálgama em educação, ciência e arte (UFU)
maria.alves.carolina@gmail.com

Fabiana Cardoso Urzetta

Mestre em Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFU). Bolsista em Ampla: amálgama em educação, ciência e arte (UFU)
fabianaurzetta@hotmail.com

Sarah de Assis Andrade

Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista em Ampla: amálgama em educação, ciência e arte (UFU)
sarah.andrde@ufu.br

Tiago Amaral Sales

Professor Adjunto no Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal (ICENP), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal.
tiagoamaralsales@gmail.com

Daniela Franco Carvalho

Professora no Instituto de Biologia e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
danielafranco@ufu.br

Jenyffer Stefany Pereira Martins

Técnica no Museu de Biodiversidade do Cerrado (MBC/UFU). Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
jenyffer.martins@ufu.br

RESUMO

Apoiados em autorias como Donna Haraway (2021) e Ailton Krenak (2020, 2022), a partir de uma pesquisa narrativa pensamos modos de investigar a educação em ciências e biologia em fricção com a vida. Acreditamos que alteridades significativas e experiências singulares, direcionadas pela cosmovisão em uma perspectiva multiespécie, são capazes de produzir saberes e questionamentos acerca de processos educativos concretos mediados pela arte contemporânea e por perguntas disparadoras de conhecimento.

Palavras-chave: alteridade significativa; espécies companheiras; docência; criação.

¹ Este trabalho contou com apoio da Fundação de Pesquisa de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) para cobrir parte dos custos necessários à participação no evento.

Eixo temático: 4. Linguagens e culturas no ensino de ciências e biologia.

Modalidade: Pesquisa acadêmica.

RESUMEN

Apoiados em autores como Donna Haraway (2021) y Ailton Krenak (2020, 2022), pensamos, a partir de investigaciones narrativas, en formas de investigar la educación científica y biológica en fricción con la vida. Creemos que alteridades significativas y experiencias singulares, guiadas por una cosmovisión en una perspectiva multiespecies, son capaces de producir conocimientos y preguntas sobre procesos educativos concretos mediados por el arte contemporáneo y preguntas desencadenantes de conocimiento.

Palabras clave: alteridad; especie compañera; enseñando; creación

Eje temático: Lenguas y culturas en la enseñanza de las ciencias y la biología.

Modalidad: Investigación académica.

APRESENTAÇÃO

A associação entre arte e ciência é um tema crescente nas pesquisas em educação. Em uma visão ampliada da arte, temos a compreensão de que ela pode nos ajudar a explorar nossos próprios sentimentos, percepções de mundo e pensamentos. Segundo Lopes e Dahmouche (2019, p. 146), “[...] a linguagem artística é, potencialmente, dotada da capacidade de despertar a fruição, suscitar emoções e entreter, que, por sua vez, constituem qualidades de extrema importância para os processos educativos”. Nesse sentido, no presente trabalho aliamos perspectivas da arte, da ciência e da educação, a partir do pensar em como ensinar e aprender ciências e biologia em fricção com a vida, com o objetivo de produzir saberes e questionamentos acerca de processos educativos concretos e singulares.

Nos aliamos aos ensinamentos do pensador indígena brasileiro Ailton Krenak (2022, p. 102), compreendendo que aprender em fricção com a natureza é poder agir sobre o mundo e nos questionarmos sobre como ensinar e aprender biologia em fricção com a vida. Em quais experiências pudemos experimentar isso? Com quem nos aliamos nesse processo? Essa radicalidade do pensamento insurgente é potência para alianças e centraliza o compartilhamento, o viver juntos, o ser companheiros uns dos outros em investigações coletivas, o que, para Krenak (2022, p. 114) deveria ser propósito de uma experiência pedagógica.

Seriam essas pistas para se notar aquilo que se destaca na experiência? Com essa provocação nos aliamos à abordagem metodológica da pesquisa narrativa. Temos por objeto de pesquisa, os textos de campos, a criação imagética e anotações efetuadas a partir da realização de uma oficina que aconteceu no parque Santa Luzia, na cidade de Uberlândia – MG, na qual, foram exploradas imagens de arte contemporânea, por meio de perguntas disparadoras baseadas na obra da antropóloga Anna Tsing (2022). Esse momento é rememorado no texto a fim de adensar a discussão teórica e, com isso, destacamos que a relação com o parque e com os teóricos estão presentes, para além dessa atividade específica nas ações do *amplia*².

Para tanto, nesse movimento tridimensional no arcabouço da pesquisa narrativa a associação com espécies companheiras “torna possível o surgimento de algo novo e arrojado” (Haraway, 2021, p. 63) ao “informar políticas e ontologias vivíveis no mundo de vida de hoje” (Haraway, 2021, p. 12). E, assim, oferece vislumbres para uma educação em ciências e biologia – juntamente com processos de ensino e de aprendizagem destes campos – que atenda a outras formas de existir e a um entendimento ampliado de vida e de natureza – estando essa indissociavelmente associada à cultura, como nos ensina Haraway (2021) ao falar de naturezas-culturas.

A perspectiva multiespécies e suas alteridades significativas, como teorizadas pela bióloga, filósofa e antropóloga Donna Haraway, nos amplia as provocações de Anna Tsing (2022) sobre como narrar a vida da/na/com a floresta, como estabelecer causas comuns com outros seres vivos e no pensar em desde quando as árvores fazem história. Ao passo que refletindo sobre a responsabilidade com o outro, e sobre o pensamento portador de novidade cuja “experiência de ser nós implica uma filiação com diferentes potências da vida aqui na terra” (Krenak, 2020, p. 25), contribuímos com perspectivas singulares, sensíveis e colaborativas para a educação em ciências e biologia e suas possíveis ressonâncias ao ensino.

² Projeto de extensão em interface com a pesquisa financiado pela FAPEMIG [APQ-03811-22] (2023-2025). Grupo de pesquisa no âmbito da pós-graduação em Educação cadastrado na base corrente do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Visite nosso site <https://amplianarede.com.br/> e saiba mais

COSMOVISÃO, ESPÉCIES COMPANHEIRAS E EDUCAÇÃO

A cosmovisão que Krenak (2020, p. 6) nos fala é um modo de estar no mundo, uma orientação por tradições que remontam narrativas de criação do mundo e é constituída pela vida, das pessoas e de tantos outros seres que compartilham a terra com a gente, e que, junto, constituem essa constelação de seres, o *Sumak Kawsai*, o Bem Viver.

Essa cultura do Bem Viver orienta a difícil experiência de manter um equilíbrio sensível entre o que podemos obter e devolver no habitar a natureza, o ecossistema da vida (Krenak, 2020, p. 9), por isso, a cosmovisão ameríndia muito se difere do estado de bem-estar social apoiado na política e na economia e não pode ser acessada por uma decisão pessoal.

Uma educação para o Bem Viver é um convite para equalizar e aprender junto da terra/Terra como organismo vivo que compartilha com os seres sua história cosmológica, uma abertura para novas perspectivas mais colaborativas e participativas voltadas para ajudar a formar seres humanos habitantes de uma terra viva, para além da formação técnica (Krenak, 2020). Assim, “Pensar em uma educação para o Bem Viver, para a vida na e da Terra, é caminhar para habitar um porvir - não uma terra arrasada, desolada, cansada, individualizada” (Sales; Rigue, 2023, p. 122). Uma outra configuração que nos permita agir sobre o mundo e aprender em fricção com a natureza.

Por isso entendemos, com Krenak (2022), a terra como princípio da experiência da consciência capaz de sentir a vida nos outros seres e se implicar mediante sua presença. Se implicar a viver uma experiência real que acrescente camadas de habilidades e conhecimentos à perspectiva de quem se é no presente, e de pensamentos portadores de novidade: “essa potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo poderia ser uma boa ideia de educação” (Krenak, 2022, p. 103) associada ao aqui e agora, comprometida com o mundo.

Assim como Ailton Krenak (2022), em *Futuro Ancestral*, Donna Haraway (2021) também destaca a prevalência do presente, da novidade, da participação e do inacabamento em seu livro *Manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridades significativas*. Ao introduzir o texto, a autora assume questões recorrentes nesse documento como a importância de se contar histórias e “o comprometimento com

o florescimento de alteridade significativa” em um trabalho “permanentemente em desenvolvimento” para “dar nova forma a algumas histórias com as quais [se importa] bastante, como pesquisadora e como pessoa no [seu] aqui e agora” (Haraway, 2021, p. 11).

Estão aí algumas nuances potencialmente úteis a uma educação em ciências e biologia que engaje-se nas fricções com a vida: comprometer-se com o contexto, com a experiência de estar aqui e agora em um mundo repleto de possibilidades. Assim, experienciar e viver o momento presente pode nos deslocar daquilo que imaginamos para o futuro na medida em que nos permite também construir um tempo por vir.

Levar a sério uma vivência na Terra/terra é algo que percebemos urgente à educação em ciências e biologia que se afirme em fricção com a vida. Sobre estas questões, Haraway (2021) nos indaga:

Como é possível nutrir conhecimento geral em mundos pós-coloniais comprometidos com levar as diferenças a sério? As respostas para essas perguntas só começam a aparecer em práticas emergentes; ou seja, com um trabalho vulnerável e com os pés no chão que aglomera agências e estilos de vida não harmônicos, responsáveis tanto por suas histórias díspares herdadas quanto por seu futuro comum - quase impossível, mas absolutamente necessário. Para mim, é isso que **alteridade significativa** quer dizer” (Haraway, 2021, p. 16) [destaque da autora]

Alteridade significativa, como ela nos ensina, é colocar os pés no chão na Terra/terra e perceber as relações que acontecem aqui e agora, com as suas diferenças, com os seus atritos. É, quiçá, sustentar estas distâncias que separam uma forma de existência perante a outra, sem comparar ou hierarquizar, mas sentir, construindo relações éticas e políticas.

Nós não somos alguém que age de fora. Nós somos corpos que estão dentro dessa biosfera do Planeta Terra. É maravilhoso, porque, ao mesmo tempo em que somos dentro desse organismo, nós podemos pensar junto com ele, ouvir dele, aprender com ele. Então é uma troca mesmo, de verdade. Não é você incidir sobre o corpo da Terra, mas é você estar equalizado com o corpo da Terra, viver, com inteligência, nesse organismo que também é inteligente, fazendo essa dança, que já me referi a ela como uma dança cósmica (Krenak, 2020, p. 13)

Nessa mesma perspectiva, Emanuele Coccia (2018, p. 37) nos diz sobre sermos "um imenso órgão de sentidos que se confunde com o objeto percebido. Um ouvido que é o som que escuta, um olho que se banha constantemente na luz que lhe dá vida". Para Coccia, a vida é imersão. E assim coloca que

(...) se o estar-no-mundo é imersão, pensar e agir, trabalhar e respirar, se mexer, criar, sentir, serão inseparáveis, pois um ser imerso tem uma relação com o mundo não calcada na que um sujeito

mantém com um objeto, mas na que uma água-viva mantém com o mar que lhe permite ser o que ela é. Não há nenhuma distinção material entre nós e o resto do mundo (Coccia, 2018, p. 36).

Situarmo-nos no aqui e agora é uma tarefa urgente para percebermo-nos enquanto sujeitos que cocriam mundo(s), pois o somos. Haveria espaço para estas mobilizações na educação em ciências e biologia em alteridades significativas, em percepções de nossas existências situadas, em imersão? Estão aí outras pistas para o nosso trabalho. Assim, entrelaçamos, portanto, o arcabouço teórico tridimensional das coexistências multiespécies e da cosmovisão à produção cognoscente da pesquisa narrativa como uma forma de “entendimento da experiência” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 26).

A pesquisa narrativa é um “tipo de conversa entre a teoria e a vida” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 75) e, por isso, pode oferecer aos leitores uma possibilidade de fabular sua própria experiência e como poder usar dos conceitos e discussões lidas em sua própria prática, em seu próprio contexto. Temos a compreensão da pesquisa narrativa como proporcionadora do desenrolar, no ato, do próprio evento-conhecimento (Serodio; Prado, 2017, p. 2), no qual surgem narrativas nas dobras do acontecimento e nos diálogos que emergem, de maneira integrativa e ontológica.

Pesquisa narrativa seria um método que se baseia no estudo de um tema em diálogo com as memórias e a materialidade dessas memórias contextualizadas e textualizadas, um diálogo único e irrepetível como as vidas o são (Serodio; Prado, 2017, p. 12).

Essa “tentativa de fazer sentido da vida como vivida” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 116) é possível no movimento tridimensional entre situação, continuidade e interação pelo qual nos indagamos e recebemos do contexto entendimentos e argumentações defensíveis. Entre rememorar acontecimentos em determinado tempo e lugar, projetamos escritas, narrativas e criações que versam sobre a interação prospectiva, de nós com os outros, e introspectiva com aquilo que reverbera em nós.

Mas como poderíamos traduzir tudo que nos conectava naquele momento? Como traduzir a linguagem do que se conhece quando isso é entrelaçado com o que se sente? O desenho (Fig. 1) e a narrativa, então, foram uma forma de expressar o desejo por amalgamar as falas, as sensações, os conhecimentos e indagações que fluíram através daquela experiência que aconteceu em um parque municipal, em fricção com um fragmento natural. Iniciamos a seção seguinte com uma narrativa e imagem, ambas criadas em



fruição com o acontecimento, um evento significativo o suficiente para se suceder em produções.

ARTE E CIÊNCIA NO CAMPO DA EXPERIÊNCIA

Figura 1

Fonte: autoral de Sarah Andrade

A natureza fala, ouve, vê e transforma. Faz a luz gerar energia produtora de vida e, os animais, nutrientes para o solo, abastecendo o planeta de interações essenciais para o contínuo dos ciclos. Pertencemos a essa rede complexa de organismos que refletem uns nos outros. Desde o micro ao macro, todos os seres conversam entre si. Quando estamos debaixo de uma árvore, por exemplo,

existe muita história com diversas perspectivas a se permitir sentir. Esse desenho surgiu de questionamentos que foram provocados pela ação “Nós-natureza em processos de criação artística” mediada pelo nosso coletivo. Tivemos um momento de contemplação na natureza, em que observamos por alguns minutos tudo que nos chamava a atenção no Parque Santa Luzia. Depois dessa exploração, cada pessoa voltou com uma perspectiva diferente sobre o lugar em que estávamos. Havia um pé de Imbê, cujo tronco é cheio de estruturas que se assemelham a olhos. Seria a natureza nos dizendo, implicitamente, que da mesma forma que a observamos, ela também nos observa? Esses “olhos” também se parecem com as ventosas de um polvo que, distante da terra, sem raízes, também se prende a alguma coisa. A natureza estaria nos dizendo que estamos agarrados a ela?”³

A criação do desenho foi como uma necessidade espontânea em traduzir as emoções e incorporar todas as reflexões e saberes que emergiram da ação no Parque Santa Luzia. Entre tantas percepções, elencamos algumas para compor o cenário, por isso o polvo (que foi relacionado ao pé de Imbê) e a árvore-casa no fundo. Com isso, expressar de forma artística foi mais do que uma forma de registro, foi um potencializador da unificação de saberes, sejam científicos ou empíricos, e a reverberação de reflexões. A partir do desenho, foi possível criar uma narrativa, transformar em audiovisual para publicar no “reels” da rede social Instagram e, assim, atingir mais pessoas e gerar novos questionamentos.

Essa movimentação criativa entrelaçada entre os seres é um exemplo do que se pode quando agimos em fricção com a natureza, com a cultura, com a arte, com a ciência e com a educação.

Eu convido vocês a experimentarem alguma mudança nesse contato e pegarem algum elemento da natureza, como folhas, pedras, terra, um pouco de água, ou outros. A ideia é que vocês tenham alguma experiência daquilo que chamo de fricção com a vida, para não vivermos em câmera lenta. Para vivermos em conexão. Isso permite fazermos uma experiência sensorial, que é exatamente a de transpor essa distância (Krenak, 2020, p. 4)

Foi com esse movimento que nos convoca Krenak (2020) que propusemos e experienciamos o evento no parque. Após um momento de sensibilização abrimos espaço para o diálogo, a contação de histórias e o compartilhamento das impressões. Para

³ Vídeo com a narração da oficina junto ao timelapse de criação da figura está disponível na nossa página do instagram [@amplianarede](#). O evento aconteceu em setembro de 2023 em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia e o Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz (CEMEPE).

disparar palavras e adensar entendimentos e sentimentos vividos, oferecemos frases provocadoras de Anna Tsing (2022) e imagens de obras de arte contemporâneas aos participantes. *Como narrar a vida da floresta?* (Tsing, 2022, p. 229). *Como estabelecer uma causa comum com outros seres vivos?* (Tsing, 2022, p. 365) e *Desde quando as árvores fazem história?* (Tsing, 2022, p. 249) foram os recortes do livro da antropóloga escolhidos para nos inspirar.

Esse movimento de ir e voltar no tempo, no espaço e na interação da pesquisa narrativa é potente quando nos associamos ao contexto da cosmovisão com Krenak e da interação multiespecífica e companheira de Haraway ao longo de processos e ações que nos permitem criar intimidade e aprender com o outro de maneira significativa. Conhecer e viver com espécies companheiras é “herdar todas suas condições de possibilidade, tudo que atualiza uma relação com esses seres, todas as preensões que constituem espécies companheiras” (Haraway, 2022, p. 93).

Por isso reivindicamos a centralidade da arte como território da experiência e a uma dimensão ética-estética-política à educação em ciências e biologia, aos campos do ensino e à formação docente. Aliadas à Luciana Loponde (2023),

Podemos entender que há brechas possíveis para a constituição de outras éticas, outros modos de atuar na docência, aliadas com uma estética como arte de viver, como potência micropolítica, como forma de vida atenta às diferenças, a alteridade e a dissonância característica da vida humana e, por consequência, de todo o trabalho pedagógico (Loponte, 2023, p. 4)

De acordo com Loponte (2023, p. 4), em contraposição a um discurso produtivista e tecnicista, apostamos em uma docência que tenha seus processos formativos expandidos por uma atitude estética diante das problemáticas pedagógicas e das interrogações emergentes.

Na contramão de processos aligeirados e reducionistas de formação, entendo que a formação pode ser ancorada por uma dimensão estética, maleável aos acontecimentos, aberta ao inesperado, às dissonâncias humanas e à diferença (Loponte, 2023, p. 7).

Estas discussões nos remetem à percepção da educação e da formação como processos que ocorrem em metamorfoses. Sobre esta dimensão, inspirados na filosofia de Emanuele Coccia, os autores Rigue, Sales e Dalmaso (2024) refletem que:

Percebemos e afirmamos, enfim, as metamorfoses na vida, na educação e na formação docente como um chamado a experimentar a liberdade e a força do que acontece nos devires com tantos-

e-tudo que nos encontramos, do que nasce e morre, do que constitui casulos, do que se movimentam/pelas/com as derivas. Eis um convite para cultivar a coragem de, ao aprendermos e nos formarmos, também experimentarmos a beleza, força e vulnerabilidade de existir, de mutar, de metamorfosear (Rigue; Sales; Dalmaso, 2024, p. 1493).

Perceber a vida como metamorfose é ver os tantos movimentos que nos atravessam, que nos constituem, que nos ensinam, que nos compõem. Nada está parado, tudo está em movimento. As formas de vida pulsam, multiplicam, e nos resta estar atento a elas e às relações possíveis de serem tecidas artesanalmente, em fricção.

Já Lopes e Dahmouche (2019) nos dizem que a linguagem artística é dotada da capacidade de despertar a fruição, suscitar emoções e entreter, constituindo qualidades de extrema importância para os processos educativos e que “[...] perdemos muito quando dispensamos as artes como ponto de vista, pois deixamos de agregar significados fundamentais para compreensão dos fenômenos, sejam eles de ordem natural ou social” (Lopes; Dahmouche, 2019, p. 160). Assim, as artes aliadas aos processos de educação em ciências podem contribuir sobremaneira para desconstruir estereótipos, estigmas e visões reducionistas acerca da prática científica.

Friccionar artes, ciências, educações, cultivar relações entre naturezas e culturas, ver os modos de levar a sério o estar junto com o outro em um mundo que co-construímos cotidianamente: estas são algumas pistas para seguirmos experimentando e ensaiando narrativamente com os acontecimentos, com as imagens, com os sons, com os encontros, com as escritas. Existem múltiplas formas de cultivar uma educação em ciências que aconteça na/com a/pela vida (Sales; Rigue; Dalmaso, 2023). Eis algumas pistas para seguirmos mobilizando em nossas ensinagens, aprendizagens e trajetos de pesquisa-vida em vias de acontecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos mobilizar reflexões teórico-práticas embasadas sobretudo nos ensinamentos propostos pelo pensador indígena brasileiro Ailton Krenak e pela bióloga, antropóloga e filósofa estadunidense Donna Haraway. A partir de conceitos como alteridade significativa, buscamos tensionar modos de mobilizar a educação em ciências e biologia – e o ensino, a formação docente, dentre outros campos – em possibilidades de acontecer em fricção com a vida.

As experiências advindas de uma ação-intervenção em um parque nos foram disparadoras para criar narrativas, para experimentar, para ensaiar estas linhas que aqui emergem. “De maneiras irreversíveis, o maquínico e o textual são internos ao orgânico e vice-versa” (Haraway, 2021, p. 23). Haraway nos lembra que diferentes dimensões se fazem juntas, como os signos e a carne, a terra e as palavras, a natureza e a cultura, nos permitindo levar a sério a tarefa de mobilizar palavras ao tecermos narratividades com a vida e com os processos que nos permitem aprender cotidianamente.

Neste caminho, Krenak (2022) nos ensina que a educação é uma experiência lúdica com o mundo (p.109). Talvez aí esteja outras pistas para seguirmos brincando com a vida, com as ciências, com as artes, com as educações, em uma cocriação de mundos possíveis.

Segundo Krenak (2022, p. 116), “fricção com a vida promove subjetividade que prepara para qualquer tarefa, de modo que experiências integradas com a vida são experiências fundamentais para se perceber como sujeito coletivo atuante no mundo”. Por isso, nos aliamos ao que Krenak (2020, p. 26) propõe e buscamos ensinar e aprender em fricção com a natureza, habitando o mundo de maneira criativa junto dos tantos seres humanos, não humanos e mais que humanos que compartilham o entorno natural. Este é um exercício diário, experimental, artesanal de se situar no aqui e agora, de construir caminhos juntos, de levar a sério a estranha e maravilhosa experiência de existir em coletividade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao apoio financeiro concedido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa: experiências e histórias na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Tradução Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. tradução: Pê Moreira. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

- KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver**. 1. ed. Rio de Janeiro: [s. n.], 2020.
- LOPES, Thelma; DAHMOUCHE, Monica Santos. Arte, educação científica e política: diálogos plurais. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, Fortaleza, v. 9, n. 23, p. 141–164, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/1131>. Acesso em: 17 jun. 2023.
- LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte, formação estética e paisagens inéditas para a docência. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 10, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/128929>. Acesso em: 26 mar. 2024.
- RIGUE, Fernanda Monteiro; SALES, Tiago Amaral; DALMASO, Alice Copetti. Metaformoses em Emanuele Coccia: composições para habitar a educação e a formação docente. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 37, n. 81, p. 1465–1496, 2024. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v37n81a2023-64408.
- SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro. Entre o cuidado de si e o bem viver: porvires possíveis para a vida e a educação em meio às pedagogias pandêmicas. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 9, n. 26, p. 111-128, 2022.
- SALES, Tiago Amaral; RIGUE, Fernanda Monteiro; DALMASO, Alice Copetti. Modos de Habitar o Mundo: uma educação em ciências com/em meio à/pela vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 48, 2023. <https://doi.org/10.1590/2175-6236124171vs02>
- SERODIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Escrita-evento na radicalidade da pesquisa narrativa. **Educação em Revista**, n. 33, e150044, p. 1-18, 2017.
- TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo**: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: n-1 Edições, 2022.